



Veredas Atemática

VOLUME 16 nº 2 - 2012

Por uma tipologia funcional dos marcadores discursivos com base no esquema construcional *Verbo Locativo*

Ana Cláudia Machado Teixeira (UFF)
Mariangela Rios de Oliveira (UFF)

RESUMO: Apresentamos uma tipologia funcional dos marcadores discursivos formados a partir do esquema construcional Verbo Locativo. Aliamos as abordagens da gramática de construções e da gramaticalização no que se refere à identificação dos níveis de esquematicidade que as expressões assumem e à atuação das motivações semântico-pragmáticas na mudança linguística em curso. Buscamos os dados da análise em *corpora* eletrônicos, utilizando o modelo de construção de Croft (2001) e a sistematização postulada por Traugott (2008) para dar conta da multidimensionalidade do fenômeno. Os resultados parciais demonstram a relevância dos itens na formação do par forma-sentido e a distribuição por tipos verbais sugere especificidade nos padrões de uso.

Palavras-chave: construções; marcador discursivo; mudança linguística

Palavras iniciais

Com base na associação entre a gramática de construções de Croft (2001) e a sistematização postulada por Traugott (2008), apresentamos uma tipologia funcional dos marcadores discursivos formados a partir do esquema construcional *Verbo Locativo*, doravante VLoc_{MD}, no que se refere à identificação dos seus níveis de esquematicidade, de

acordo com os contextos específicos de uso e às motivações semântico-pragmáticas que concorrem para essa formação.

A produtividade do fenômeno em estudo demonstra como os mecanismos atuantes nessas motivações coocorrem e se influenciam mutuamente na abstratização de tais expressões. A mudança linguística em curso pode ser identificada pelos usos polissêmicos articulados, que tendem a atuar em contextos específicos, marcando padrões contingenciais. Esse é um tipo de abordagem mais recente na pesquisa funcionalista, denominada “Linguística funcional centrada no uso”, que vem se revelando como linha investigativa promissora para o tratamento de padrões construcionais na perspectiva do uso linguístico.

Nossa hipótese principal é a de que as expressões estudadas aqui constituem um pareamento de forma e sentido, cujo fortalecimento pragmático, na base da atuação de pressões atinentes à subjetividade, advém das práticas discursivas entre falante e destinatário (TRAUGOTT, 2003). Os itens formam uma unidade de sentido e forma que articula um tipo de referência semântico-sintática distinta daquela obtida tão somente a partir da soma de seus constituintes, sendo gramaticalizada em contextos específicos.

Assumimos que a construção $VLoc_{MD}$ constitui um nível mais esquemático, que se realiza em níveis altamente idiomatizados. Estamos tratando esses níveis específicos como expressões ou microconstruções, de acordo com Traugott (2008). Portanto, neste artigo, consideramos esses termos intercambiáveis. Referimo-nos a expressões do tipo *vamos lá, sei lá, escuta aqui, espera aí*, entre outras.

Em um nível intermediário, as mesoconstruções seriam grupos de micros que se associam sob função mais abrangente e, em algumas situações, podem ser tratadas como formas em competição, tal como *escuta aqui* e *olha aqui* ou *diga aí* e *fala aí*. Nesse nível, apesar das semelhanças, as microconstruções mantêm suas particularidades.

Neste artigo, optamos pelo tratamento sincrônico de nosso objeto de pesquisa. Dessa forma, um dos objetivos é verificar a mudança de categorias e significados processada nesse objeto, que pode ser observada através das extensões contextuais postuladas por Himmelmann (2004) e que estão envolvidas no processo de gramaticalização. Dessa forma, demonstramos como os usos contemporâneos permitem vislumbrar e hipotetizar uma trajetória no tempo.

Na primeira seção apresentamos nosso objeto de pesquisa, na segunda seção, a abordagem teórica que fundamenta as análises, na terceira seção, os procedimentos metodológicos, na quarta seção, a análise dos dados e, em seguida, algumas considerações e propostas para a continuação da pesquisa.

1. Objeto de pesquisa

Pesquisamos o esquema construcional $VLoc_{MD}$ formador de expressões tais como: *(es)t(á) aí*, *(es)tamo(s) aí*, *cheg(a) aí*, *chega[r] lá*, *dig(a) aí*, *diga lá*, *escuta aqui*, *(es)per(a) aí*, *espera lá*, *olh(a) aí*, *olh(a) aqui*, *olha lá fal(a) aí*, *quero lá*, *segur(a) aí*, *sei lá*, *sabe lá*, *vá lá*, *vamos lá*, *vem cá*, *vê lá*, que atuam como marcadores discursivos.

Essas expressões são muito produtivas no português brasileiro contemporâneo não somente em textos de fala, mas também, em alguns casos, já compõem textos escritos do gênero jornalístico, como artigos e blogues. Tal produtividade nos motivou a analisá-las e levantar suas funções, propondo uma tipologia baseada na semântica verbal e nos níveis de esquematicidade postulados por Traugott (2008), conforme quadro abaixo:

Nível de esquematicidade	Tipo de construção					
MACRO	VerboLocativo <small>marcador discursivo = VLocMD</small>					
MESO ¹	VcogLoc	VelocLoc	VintLoc	VmovLoc	VpercLoc	VprocLoc
MICRO	quero lá, sei lá, sabe lá	dig(a) aí, diga lá, fal(a) aí	(es)t(á) aí, (es)tamo(s)) aí, fic(a), aí	cheg(a) aí, chega[r] lá, vá lá, vamos lá, vem cá	escuta aqui, olh(a) aí, olh(a) aqui, olha lá, vê lá	(es)per(a)) aí, espera lá, segur(a) aí
CONSTRUCTO	quero lá, sei lá, sabe lá	diga aí, diga lá, fala aí	está aí, estamos aí, fica aí	chega aí, chega[r] lá, vá lá, vamos lá, vem cá	escuta aqui, olha aí, olha aqui, olha lá, vê lá	espera aí, espera lá, segura aí

Quadro 1 – Distribuição das expressões de acordo com a semântica verbal em níveis de esquematicidade

Na formação do pareamento forma-sentido, os itens *verbo* e *locativo* são de extrema importância para a análise das expressões. Na perspectiva construcional, o pareamento articula um único sentido convencionalizado em um contexto de uso específico, porém há vestígios do significado original. Assumimos ser esta a principal motivação para o recrutamento dos itens em uma determinada forma morfossintática e fonológica.

Assim, nas expressões *vamos lá* e *(es)t(á) aí*, por exemplo, entendemos que as formas verbais *vamos* e *está* foram selecionadas tanto por seu significado como por sua configuração modo-temporal. Do mesmo modo, o locativo *lá*, ao lado de *vamos*, e *aí*, ao lado de *está*, também são recrutados para propósitos determinados, seja pelo traço de sentido do locativo, seja pela referência textual que fazem.

A distribuição pelos tipos verbais sugere um alinhamento em padrões de uso que cumprem funções específicas. As distintas expressões em um determinado uso demonstram a polissemia característica das mudanças linguísticas e, ainda, a competição pelo uso em determinados contextos. Tais fatos correspondem, respectivamente, a *divergência* e *camadas*, dois dos princípios clássicos formulados por Hopper (1991) para os estágios iniciais da mudança linguística. Essas expressões polissêmicas, além de cumprirem funções distintas, em razão da sua configuração, mantêm suas particularidades. Dessa forma, em cada grupo de mesoconstruções, há expressões mais prototípicas ou mais marginais, dependendo da atuação contextual.

2. Abordagem teórica

A abordagem da Linguística funcional centrada no uso tem demonstrado tendência à análise e à pesquisa de padrões construcionais, entendidos como pareamentos de forma e

¹ As siglas referem-se, respectivamente, às seguintes mesoconstruções: VcogniçãoLocativo, VelocuçãoLocativo, VintransitivoLocativo, VmovimentoLocativo, VpercepçãoLocativo e VprocessoLocativo.

função, considerando-os como unidades primitivas da representação sintática (CROFT, 2001). Nesse sentido, intensifica-se o interesse no que se refere ao desenvolvimento de itens lexicais em construções particulares.

A tendência para análise de construções e esquemas semânticos em conjunto, mais do que para itens lexicais, mostra-se de grande contribuição para a pesquisa de variação e mudança linguística. Dentro desse panorama, a pesquisa sobre gramaticalização na vertente funcionalista também tem se mostrado cada vez mais integrada à abordagem construcional, o que enseja a incorporação de pressupostos cognitivistas para dar conta do tratamento de construções.

Consideramos que a especificidade do contexto em que as expressões aqui examinadas se convencionalizam está relacionada à cena comunicativa e, por isso, entendemos que o conceito de *frame* (FILLMORE & ATKINS, 1992) dá conta da perspectivização de toda a cena, o que é necessário para que se possa fazer uma análise mais apurada.

Para os autores, os *frames* são definidos como qualquer sistema de escolhas linguísticas que podem ser associados com instâncias de cenas. As cenas, por seu lado, são partes e séries interconectadas, incluindo não só cenas visuais, mas também tipos familiares de transações interpessoais, cenários padrões, imagens corporais, e, em geral, qualquer tipo de segmento coerente de crenças, ações, experiências ou imagens humanas.

A análise do *frame*, assim, nos permite atestar se as expressões são mais referenciais, como podemos verificar nos exemplos (1) e (2) abaixo, ou se são mais convencionalizadas, conforme (3) e (4) a seguir.

(1) povo sai de São Paulo todo mundo diz que o povo carioca é mais alegre mais aberto que o - do que o paulista - de fato É mesmo você **vê lá** o pessoal no Rio eles TEM - - o clima deles a natureza ajuda mais (*Sequência expositiva, site Corpus do português, Oral: língua falada Br-SP-2:62*)

(2) Não me pergunte por ele! Uma grande desgraça! E o velho limpou os olhos. Gabriel deu um passo para entrar na casa do cocheiro. - Não entre! exclamou o outro, sempre comovido. Não **está aí** ninguém.. A justiça fez a sua visita e não se pode tocar no que lá está! O senhor bem sabe que o Jorge não pode apresentar o dinheiro e.. (*Sequência expositiva, site Corpus do português, A condessa Vésper, de Aloísio Azevedo*)

(3) Pela madrugada julgava impossível escrevê-lo, tudo parecia banal ou extravagante. Mas depois do almoço, antes de sair, o pai lembrou-me como se lembra a um escritor: - **Vê lá**, Júlia, o artigo é para hoje. Tenho que o levar à noite. Havia um jornal que exigia o meu trabalho. Era como se o mundo se transformasse. Sentei-me. E escrevi assim o meu primeiro artigo. (*Sequência expositiva, site Corpus do português, Crônica: Momentos literários, de João do Rio*)

(4) Obama quer ganhar a guerra lá? Não vai conseguir, lembra Kabulov, se continuarem agora treinando os afegãos no uso de armas individuais ocidentais, em detrimento da velhíssima e conhecidíssima Kalashnikov (a AK-47), que qualquer criança afegã sabe disparar. **Taí** uma oferta interessante do ex-homem da KGB aos ocidentais embarcados numa guerra sem fim no Afeganistão: armas e conselhos russos contra um adversário comum. (*Sequência argumentativa, notícia, Portal G1*)

Em (1) e (2), observamos *frames* espaciais. No primeiro fragmento, o informante explica o motivo de considerar o povo carioca mais alegre e aberto do que o paulista. A forma verbal *vê* na sentença “você *vê lá* o pessoal no Rio” possui o argumento sujeito *você* e o locativo *lá* faz referência catafórica ao adjunto adverbial *no Rio* como um tipo de reforço situativo-comunicacional.

No segundo fragmento, o velho e Gabriel estão na porta da casa do cocheiro. “*Esta aí*” em “*não está aí ninguém*” se refere à afirmação do velho a Gabriel de que a casa estava vazia. Portanto, em ambos os casos, a cena comunicativa contém elementos que ancoram o *frame* espacial. Nos dois casos, as formas verbais *vê* e *está* apresentam sentido mais prototípico e têm sujeitos específicos, bem como os locativos *aí* e *lá* indicam lugares físicos, funcionando textualmente em remissão aos termos *no Rio* e *casa*.

Como veremos nas análises, esse tipo de contexto anafórico é favorecedor das mudanças em estudo, uma vez que a função mais textual do locativo, inerente a esse tipo de sequência, seria ponto de partida para o processo de gramaticalização.

Por outro lado, em (3) e (4) não há elementos que ancoram o *frame* espacial. Em (3), o pai de Júlia ao dizer *vê lá* não está pedindo que ela veja alguma coisa que se localiza em algum ponto distante dos dois. Na verdade, a expressão marca o tom do discurso do pai, que chama a atenção da filha para que não se esqueça do artigo, cujo prazo “é para *hoje*”.

Já em (4), após expor um dado que apoia sua argumentação, o autor faz a articulação dessa informação com sua opinião, que vem em seguida, utilizando a expressão “*taí*” para indicar anaforicamente onde a informação que sustenta seu parecer se localiza.

Tanto em (3) como em (4), os locativos encontram-se altamente entrincheirados aos verbos, formando uma unidade convencionalizada de forma e sentido. A perda de material morfofonético da expressão em (4) ratifica o estágio mais avançado de gramaticalização; além disso, o sentido construcional veiculado pelas referidas expressões, que atuam como marcadores discursivos, fortalece essa leitura. Pode-se concluir que os novos sentidos estão em relação direta com o *frame* não espacial, o qual forma um tipo de contexto específico em que as propriedades discursivo-funcionais conferem relevância pragmática à expressão.

2.1 Gramática de construções e gramaticalização

Segundo Croft (2005, p.274, apud TROUSDALE, 2008, p. 5-6), construção é uma unidade convencional simbólica: “Grosso modo, uma construção é uma rotina enraizada (“unidade”), que é geralmente usada na comunidade de fala (“convencional”), e envolve um par de forma e significado (“simbólica)”. Portanto, assumimos que a natureza “convencional” das expressões *vê lá* e *(es)t(a) aí* pode ser postulada e concentra-se na evidência de que são unidades (estruturas rotineiras) simbólicas (envolvem um par particular de forma e significado).

Em nosso estudo, incorporamos o modelo holístico de Croft (2001), cujo objetivo é abranger todos os níveis de análise de uma dada construção. O polo relacionado à forma agrupa as propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas, enquanto o polo do significado reúne as semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Tal modelo procura dar conta das distintas dimensões envolvidas e suas interligações, no chamado *elo de correspondência simbólica*.

Para demonstrar as relações entre construções linguísticas e gramaticalização, no que concerne às microconstruções aludidas, avoca-se, então, a taxonomia de Traugott (2008), que, a partir do modelo croftiano, propõe níveis de esquematicidade baseado na seguinte relação:

- a) macroconstruções (por exemplo, construções transitivas circunstanciais, doravante CxnTrCir): altamente abstratas, construções esquemáticas ;
- b) mesoconstruções (por exemplo, VpercepLoc_{MD} vs VintLoc_{MD}: representa um grupo de tipos de construção relacionadas, que são ainda bastante abstratas, mas que possuem semântica e/ou sintaxe semelhante;
- c) microconstruções (por exemplo, *vê lá* e *(es)t(a) aí*: tipos de construção individuais;
- d) constructos: *tokens* empiricamente comprovados, que são o *locus* da mudança.

Traugott (2008) afirma que, no nível macro, a possibilidade de atração semântica é menor em virtude de representar macroesquema altamente abstrato. Para a autora, a atração ocorre a partir do mesonível, no qual uma instanciação da construção pode, por analogia, promover a gramaticalização de outra expressão.

Ainda assim, no nível mesoconstrucional, cada microconstrução individual mantém não só a sua própria idiosincrasia em relação à forma, mas também com respeito ao sentido, na medida em que há uma associação particular que motiva o recrutamento de um item específico para ocorrer na microconstrução.

No fenômeno estudado, com relação à forma, ressaltamos a restrição na seleção de determinado tempo e pessoa verbais. Em referência ao sentido, destacamos a associação feita entre: i) a posição próxima expressa pelo locativo *aí* no constructo com o conteúdo pontual sobre a qual o falante opina; ii) a posição distante expressa por *lá* no constructo com a projeção da intenção do falante na microconstrução.

Esse processo descrito por Traugott (2008), que tem por base processos de reanálise e analogia, traduz a visão de complementaridade entre as abordagens de gramaticalização e construcionalização, que tem sido privilegiada na recente pesquisa funcionalista centrada no uso e voltada para a mudança linguística.

Quanto à gramaticalização, assume-se o postulado de Traugott (2011), segundo o qual o entendimento como redução ou como expansão de escopo do item e/ou construção não são contraditórios. Em nosso estudo, o verbo pleno e seu circunstancial locativo, reanalisados como marcador discursivo em uma microconstrução, seriam primeiramente reduzidos em sua plenitude lexical, gerando maior dependência e, então, seriam expandidos a outros contextos de uso.

Segundo a autora (2011), a rotinização, caso do fenômeno estudado, resulta em redução da plenitude lexical dos itens, o que, por consequência, leva ao aumento de generalidade, ao aumento de esquematicidade, a menor composicionalidade sintática e semântica, na medida em que há redução da estrutura sintática, e desbotamento do significado pleno.

Nos exemplos a seguir, a forma *está* encontra-se reduzida em sua sintaxe, não selecionando argumento, torna-se mais frouxa e descolada, em termos de forma e sentido, da cláusula em que se encontra inserida. Por outro lado, *está aí* ganha em generalidade: há mudanças semântico-pragmáticas, com nova função nesses contextos específicos. Assim, *está aí* passa a ser menos composicional, cessa a distinção de tempo, modo e pessoa da forma verbal, bem como a referência espacial de *aí*, como detectamos a partir do par de fragmentos a seguir:

(5) O deputado Moreira Franco mandou para o novo líder do governo, Luís Eduardo Magalhães, Memórias imaginárias do último imperador do Brasil, um livro brilhante sobre D. Pedro II, do francês Jean Sourbin: - *Aí vão as memórias do penúltimo. O último está aí.* FH

não conteve o riso vaidoso quando soube da insinuação.. (*Sequência expositiva, site corpus do português, notícia, Folha de São Paulo*)

(6) Conheço estes senhores de engenho da Ribeira como a palma da minha mão. **Está aí**, o Seu Álvaro do Aurora custa a pagar. É duro de roer, mas gosto daquele homem. (*Sequência expositiva, site corpus do português, romance: Fogo morto*)

Em (5), temos um constructo, o verbo ainda conta com o argumento sujeito *O último [imperador do Brasil]* e o locativo faz remissão a um espaço virtual *o governo* onde FH se situa. Por outro lado, a expressão em (6) não seleciona argumento sujeito e, sim, funciona como marcador que assinala conclusão e introduz opinião. *Está aí* em (6) encontra-se solto do ponto de vista sintático, o que é indicado, inclusive, pela vírgula que demonstra a pausa para a elaboração do pensamento antes de proferir a opinião.

Logo, quando, em determinados contextos, o constructo vem a ser reanalisado como marcador discursivo, ocorre aumento no escopo estrutural e semântico, a dependência sintático-semântica em relação à cláusula diminui e, uma vez fixada, a forma se torna estável. Esse último processo é, segundo Traugott (2011), típico de gramaticalização por expansão.

Desse modo, a gramaticalização das construções se realiza na proporção em que padrões de uso são rotinizados em determinados contextos e passam a compor um determinado esquema mental acessível aos falantes.

3. Procedimentos metodológicos

Nosso banco de dados foi formado a partir do levantamento de textos da segunda metade do século 20, retirados do "*site Corpus do português*" (www.corpusdoportugues.org) distribuídos em inquéritos de fala, textos de ficção, textos jornalísticos; do século 21, foram retirados das revistas eletrônicas *Veja* e *Época*, distribuídos em artigos, blogs, entrevistas, notícias e reportagens.

A coleta seguiu os seguintes critérios: i) levantamento exaustivo de ocorrências com o pronome adverbial locativo próximo às formas verbais selecionadas, ii) análise dos dados sob os seguintes critérios: a) frequência de dados prototípicos e convencionalizados, b) tipo de sequência tipológica formadora de contextos específicos, c) análise das construções a partir de Croft (2001) e Traugott (2008).

Adotamos o modelo da gramática de construções radical de Croft (2001), que é compartilhado por Traugott (2008). Pautamo-nos na necessidade de dar conta da interseção entre gramática de construções e gramaticalização e, portanto, na busca de modelo que se coadune com a atuação multidimensional da gramaticalização. Nesse sentido, as análises ganham rigor metodológico, uma vez que permitem descrever os padrões de uso das expressões a partir não só da motivação, como também do efeito dessas propriedades nos registros do *corpus*.

Embora tenhamos distribuído os parâmetros através das propriedades dos dois polos da construção, ressaltamos que muitos deles atuam conjuntamente ou um de forma mais relevante do que o outro em cada microconstrução. O conjunto dos parâmetros observados está descrito no quadro abaixo:

POLO	PROPRIEDADE	PARÂMETROS
FORMA	Sintática	1) Liberdade de posição; 2) Perda de propriedades sintáticas do verbo - (não) seleciona argumento; 3) Ordenação/função do locativo; 4) Marcação de pausa por sinal de pontuação
	Fonológica	1) Redução de material fônico; 2) Formação de grupo de força
	Morfológica	1) Cristalização da estrutura (pessoa do discurso, configuração modo-temporal); 2) Contrações
SENTIDO	Semântica	1) Abstratização do sentido original por processos de (inter)subjetivação: codificação baseada na expressividade da crença/ponto de vista do falante em relação à proposição e ou atenção do falante em relação à imagem do interlocutor em um sentido social ou epistêmico; 2) Atuação dos princípios de Hopper (1991): i) presença dos sentidos mais espaciais e mais (inter)subjetivos, ii) sentidos distintos para mesma expressão; iii) especialização de sentidos em contextos específicos, iv) persistência de nuances do sentido original nas formas novas, iv) sentido novo vinculado à nova categoria; 3) Relação <i>frame</i> ; 4) Renovação de categorias já existentes (marcadores discursivos)
	Pragmática	1) Atuação de inferência sugerida nos termos de Traugott e Dasher (2005); 2) Expansão Host-class, sintática e semântica-pragmática (Himmelman, 2004); 3) Mudança funcional vinculada a contextos específicos
	Discursivo-funcional	1) Tipo de sequências tipológicas e gênero textual que podem favorecer a ocorrência e a frequência de determinadas construções

Quadro 2 – Modelo de análise construcional

Entendemos que existem outros tópicos que poderiam ter sido arrolados dentro de cada parâmetro, porém, para este artigo, selecionamos aqueles que entendemos serem mais produtivos para o exame das expressões em estudo. Buscamos indicadores de mudanças funcionais e os agrupamos de maneira mais didática, a fim de demonstrar, mais claramente, como baseamos nossas análises.

4. Discussões e análise dos dados

Os marcadores discursivos formados a partir do esquema construcional VLoc_{MD} conjugam a forma verbal e o locativo em prol de um único sentido, que articula referência semântico-pragmática específica. Os vestígios do significado original, além de motivarem o recrutamento dos itens, permitem o agrupamento no nível de mesoconstruções em que tal referência define padrões de uso contingenciais.

Nesse sentido, postulamos seis conjuntos de microconstruções distribuídas nas mesocronstruções VcogLoc, VelocLoc, VintLoc, VmovLoc, VpercLoc e VprocLoc, conforme o Quadro 1. Cada grupo, conforme define Traugott (2008), possui semântica e/ou sintaxe semelhante e, acrescentamos aqui, pragmática correspondente.

Dessa forma, no grupo VpercLoc, por exemplo, estão reunidos os marcadores de repreensão, como podemos observar em (3) através de *vê lá*. Já no grupo VintLoc estão reunidos aqueles que introduzem opinião, conforme exemplificamos em (4) com *taí*. Para demonstrar as particularidades das microconstruções em cada grupo, apresentamos a seguir os fragmentos (7) e (8).

(7) Muitos de nós, talvez eu mesmo, seremos sacrificados, torturados, assassinados... Mas a revolução socialista vai para a frente. Isso vai! - Sabes que tenho minhas simpatias pelo anarquismo.. - O que tu és eu sei. Um sujeito preguiçoso e conformista. - **Escuta aqui**, Arão. Até onde acreditas no que estás dizendo? Refiro-me a acreditar de verdade, do fundo do coração. (*Sequência expositiva, site corpus do português, teatro, O tempo e o vento*)

(8) Estou muito mais preocupado é com a modificação da estrutura econômica do Estado (...). Estou tentando construir e estabelecer um contraponto, por exemplo, com essa política fiscalista, mas não diria a vocês que o governo do Paraná é o governo da tributação minimalista. É nesse momento, mas, para fazer uma mudança, você precisa de recursos públicos, tem que investir. **Estamos aí** arrecadando 42 ou 43 por cento do PIB, não é isso? Quando eu quis ser presidente do PMDB, fiz um trabalho junto com o (Carlos) Lessa e um grupo de economistas e apresentei ao partido. A gente queria subir para 21 por cento, era 17 por cento a carga tributária e a gente achava que, com aquilo, a gente mudava o Brasil. Está em 40 e poucos, é um sacrifício enorme, mas não se investe no Brasil. (*Sequência argumentativa, site corpus do português, Entrevista Web com Roberto Requião*)

Como podemos observar em (7), *escuta aqui* está desempenhando funções mais discursivas. No fragmento, Bandeira repreende Arão na tentativa de chamar a atenção para o que de fato representa o momento da revolução. Bandeira tenciona que o “camarada” não idealize a situação e, sim, que tome posição segundo o que crê de verdade.

Apesar de *vê lá* em (3) e *escuta aqui* em (7) funcionarem discursivamente como mecanismos de repreensão, a combinação da forma verbal *escuta* com o locativo *aqui* traz para este marcador nuance de sentido distinta de *vê lá* em (3). O sentido de *escutar* como “prestar atenção para ouvir²”, aliado ao de *aqui*, que indica proximidade e pontualidade, permite uma leitura mais intimista, com grau maior de austeridade.

Com relação aos locativos, em (7) *aqui* sugere a capacidade de o falante redirecionar seu interlocutor, uma vez que traz para si a responsabilidade de indicar o comportamento a ser seguido ou opinião a ser tomada. Já em (3), o traço de distanciamento inerente ao locativo *lá* indica menor pontualidade e precisão, permitindo interpretação diversa. Nesse caso, o falante delega tal responsabilidade ao interlocutor.

Agrupamos a dupla *taí* (4) e *estamos aí* (8) como marcadores que introduzem opinião. Em ambos os casos, o falante utiliza a expressão para localizar informação na porção de texto

² Consulta realizada no site <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=escutar>, acessado em 22/04/2012.

anterior de modo a fortalecer sua ideia, introduzida na sequência. Destacamos que a nuance de sentido distinta veiculada por (8) resulta da configuração modo-temporal e da pessoa do discurso da forma verbal. *Estamos* indica parceria, comunhão ou, muitas vezes, pretende parecer compartilhar ideias e afastar qualquer noção de importância pessoal, vaidade e orgulho.

No fragmento (8), percebemos que Requião vem argumentando com o entrevistador em primeira pessoa, todos os elementos que aponta advêm de sua atitude individual marcada no trecho por “estou...tentando”, “estou preocupado”, em seguida utiliza o marcador *estamos aí* para indicar que é partidário do governo federal, apesar de não considerar que a política de arrecadação vigente seja a melhor. Se o político fosse opositor do governo federal, seria mais coerente utilizar outra configuração a fim de indicar discordância sem qualquer atenuante.

As análises fortalecem a definição de Traugott (2008) acerca das microconstruções, no que se refere à manutenção das idiossincrasias em relação à forma e ao sentido, uma vez que se percebe motivação distinta para a seleção de determinado item. Apesar de os itens desbotarem semanticamente, alguns traços de seu sentido lexical original tendem a continuar nas microconstruções, o que Hopper (1991) define como princípio da persistência.

A seguir, discutimos a formação de marcadores, a partir do quadro 2. A análise das seis propriedades da construção permite verificar mudanças nos diversos níveis e motivações pragmático-discursivas que as permeiam. Objetivamos, assim, identificar mudança de categorias e significados que dão conta do tratamento sincrônico de nosso objeto de pesquisa.

Para este artigo, selecionamos as microconstruções *esta aí* e *vê lá*, por representarem grupos distintos de mesoconstruções, respectivamente VintLoc e VpercLoc. Acreditamos, assim, justificar a relevância da pesquisa no que concerne aos estudos de língua em uso e demonstrar a produtividade de uma tipologia funcional dos marcadores discursivos com base no esquema construcional *VerboLocativo*.

A análise da formação de todas as 22 microconstruções, que compõem o Quadro 1, faz parte de pesquisa mais ampla em andamento³. Nessa pesquisa, o objetivo, além de descrever os padrões de usos, é identificar os processos de formação da família de construções⁴ VLoc_{MD} em uma trajetória ao longo do tempo.

4.1 (*Es*)*t(á) aí*

Apresentamos abaixo mais alguns trechos do *corpus* em que verificamos usos distintos de (*es*)*t(á) aí*.

(9) Baldava empenhos o Felipe, a fim de amainar a cólera do hóspede, asseverando que ali, no Xique-Xique, não valia tanto aquele negócio; que esfriasse a cabeça e pensasse.- Não tenha susto, respondia Ricardo. Agora só desejo que amanheça o dia para ir ver logo o garimpo. O saco se faz hoje mesmo. - Mande chamar o Braço Forte e outro, que o meu

³ Estamos nos referindo à pesquisa intitulada: *Pronomes locativos em construções nominais e verbais do português contemporâneo: ordenação, polissemia e gramaticalização*, apoiada pelo CNPq e pela Faperj, atualmente desenvolvida pelo Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* – UFF.

⁴ O termo *família de construções* define um grupo que apresenta as mesmas características fundamentais que são, segundo Traugott (2008: 239), o resultado de mudanças linguísticas que envolvem a emergência de semelhanças de família.

camarada **está aí**. No dia seguinte seguiam o mineiro e três camaradas para o Coisa Boa. (*Sequência expositiva, site corpus do português, ficção, Maria Dusá*)

(10) Até agora os presidentes se esforçaram para combater a inflação, mas nenhum fez um esforço sincero para cumprir a Constituição, critica o jurista. Falta ao governo uma convicção sincera de que a Carta **está aí** para ser cumprida. (*Sequência expositiva, site corpus do português, jornalístico, SP, Cumprir a Constituição ainda é um desafio*)

(11) O problema é fazer disso tudo uma pirotecnia dispensável, inclusive com gente que já enfrenta esse tipo de coisa para sobreviver.. É um equívoco imaginar que os brasileiros ainda querem ter, como na época de O Povo na TV, a miséria saindo das ruas e invadindo suas casas. Os sapatos devem ser, sempre, limpos, no tapete da porta. **Taí** o sucesso de novelas mexicanas como Marimar, ou Maria do Bairro, que mostram e falam de pobreza, só que de maneira mais cândida, velada. Parafraseando o mago Joazinho Trinta, o povo não gosta de lixo. (*Sequência argumentativa, site corpus do português, notícia, BA, Brasil Surreal*)

A identificação de usos polissêmicos de *(es)t(á) aí* demonstra mudança linguística em andamento e aponta para um dos bem conhecidos princípios de Hopper (2001) chamado de *divergência*. No caso de *está aí*, temos um conjunto de formas com a mesma etimologia, porém desempenhando funções distintas. O cotejo de (9), (10) e (11) remete-nos a esse princípio, visto que nos exemplos (10) e (11) não verificamos mais o sentido original dos itens e, em (9), o locativo não localiza algo físico, mas sim textual.

Em (9), *está aí* em *Meu camarada está aí* faz parte de uma configuração sintática mais prototípica. O sujeito *meu camarada* possui características humanas e a sentença identifica que o camarada do chefe está nas proximidades. O verbo e o locativo veiculam sentido original, portanto, o camarada se encontra no *Xique-Xique* próximo aos interlocutores.

Com relação às propriedades ligadas à forma, o verbo não perde seus traços sintáticos, não há liberdade de posição, a ordenação tanto do verbo quanto do locativo é a mesma de sua configuração sintática original, não há marcação por pausa ou sinal de pontuação. Não há redução de material fônico, tampouco cristalização da estrutura.

No que concerne às propriedades do sentido, verificamos que o *frame* espacial é ancorado por vários elementos que permitem leitura mais circunstancial de espaço. A cena apresenta um diálogo entre os personagens da história de Adolfo Caminha, a exposição das ideias dos interlocutores em um tom objetivo marca a especificidade do contexto: o grupo decide se deslocar no dia seguinte do lugar em que se encontra, *Xique-xique*, para o garimpo. Portanto, não há abstratização do sentido original ou expansão de contextos.

O fato de o locativo exercer função mais textual indica que esse tipo de sequência seria ponto de partida para o processo de gramaticalização. Entendemos que nesse estágio, ao contrário do uso de *vê lá* em (1) e (13), essa nuance é um pouco menos nítida em virtude de o verbo *estar* possuir semântica espacial, como a dos circunstanciais de lugar.

Os exemplos (10) e (11) demonstram estágio mais entrincheirado dos itens, o que permite leitura distinta de (9). *Está aí* em (10) ainda se encontra numa configuração sintática mais prototípica, porém o sujeito *a carta* não possui características de sujeito exemplar. Ao contrário de (9), não é humano e, nesse caso, trata-se de uma retomada por sinonímia do termo *constituição*, que no período anterior, era objeto do verbo *cumprir*. Na verdade, *a carta*

não está em algum lugar específico, podemos parafrasear *esta aí* por *existe* como em *A carta existe para ser cumprida*.

Consideramos que nesse estágio *esta aí* é híbrida, apesar de possuir características do polo da forma mais prototípicas como: posição fixa; propriedades sintáticas do verbo, selecionando argumento sujeito e complemento; não há marcação de pausa; tampouco redução de material morfofonético ou, ainda, cristalização de estrutura. A leitura é integrada e podemos interpretar essa estratégia como um mecanismo de reforço de opinião, o que justifica sua retomada. A mesma estratégia pode ser verificada em (12).

(12) Para o economista Joe Yoshino, pesquisador de a Fipe \$/ USP, o crescimento dos bancos em outros setores da economia é um assunto que faz parte das discussões de reforma do sistema financeiro a serem travadas em o Congresso Nacional. Quer queira ou não, a realidade **está aí**, afirma Yoshino, um estudioso do setor bancário brasileiro. (*Sequência argumentativa, site corpus do português, jornalístico, Folha*)

Nesse exemplo, o tema do trecho é a reforma do sistema financeiro. A sentença *A realidade esta aí* retoma toda a porção anterior “empacotando” a informação, ao mesmo tempo em que reforça a opinião do economista. *Esta aí* nessa sentença também poderia ser parafraseada por *existe* como em *Essa realidade existe*, dando mais força à ideia de que a reforma precisa ser realizada. Como em (10), *está aí* é híbrido e mantém as propriedades mais prototípicas da forma.

Tanto em (10) quanto em (12) as mudanças se realizam no polo do sentido. Nos dois exemplos, verificamos *frame* não espacial e sequência argumentativa, em que se defende um ponto de vista fundamentado em relações lógicas, mais abstratas e estratégias discursivas mais elaboradas. Nesse sentido, detectamos grau maior de subjetividade e, conseqüentemente, maior intersubjetividade, já que a opinião se direciona a um interlocutor, com intenção específica: convencê-lo.

Percebemos duas expansões postuladas por Himmelmann (2004): i) sintática, na medida em que *esta aí* passa a atuar em mais um contexto sintático, funcionando como marcador que reforça opinião; ii) semântico-pragmática, que se apresenta na polissemia semântica e na atuação de contexto pragmático distinto do original, assumindo, portanto, singularidades. Assim, o exame dos fragmentos revela mudança funcional vinculada a contextos específicos.

O último uso encontrado no *corpus* exemplificado em (11) apresenta mudança nas seis propriedades. Consideramos que esse uso representa estágio mais avançado de gramaticalização. *Taí* em *Taí o sucesso de novelas (...)* funciona como marcador discursivo que introduz opinião. Nesse caso, o jornalista elenca informações que apoiam sua argumentação, utiliza a expressão *taí* para indicá-las anaforicamente e, em seguida, expõe sua opinião. Essa estratégia dá dinamicidade ao texto ao mesmo tempo em que promove sua articulação.

Nas propriedades da forma, a configuração morfossintática e fonológica de *taí* apresenta: i) liberdade de posição, a expressão se localiza no início da sentença; ii) perda de propriedades sintáticas do verbo, uma vez que não seleciona argumento, iii) mudança na ordenação do locativo, que se encontra fundido ao verbo; iv) marcação de pausa por sinal de pontuação, *taí* se coloca após pausa expressa ortograficamente por ponto final; v) há redução de material fônico e formação de grupo de força; vi) cristalização da estrutura ao mesmo tempo em que há contração.

Com relação às propriedades do sentido, a referida expressão sugere: i) desbotamento do sentido original, que passa a altamente subjetivo, e fortalecimento da pragmática, representando a criatividade do falante no jogo discursivo, ii) relação direta com o *frame* não espacial, iii) renovação da categoria de marcador discursivo, na medida em que podemos considerá-la exercendo funções características próprias de marcadores, iv) mudança funcional relacionada a sequências tipológicas argumentativas, v) expansão *host-class*, porque aumenta sua série de colocações apresentando-se como um novo *type*; tal expansão é sintática, em virtude de constituir tipo distinto de configuração, e semântico-pragmática, uma vez que representa polissemia distinta, com fortalecimento pragmático específico.

4.2 *Vê lá*

A seguir, apresentamos alguns exemplos de *vê lá*:

(13) Hugh Jackman está no Brasil para divulgar seu novo sucesso X-Men Origens: Wolverine. Na foto que você **vê lá** em cima ele está desembarcando no aeroporto de Congonhas, em São Paulo, hoje de manhã. Até sexta, o australiano aterrissa no Rio. (*Sequência expositiva, revista Ana Maria, Blog do Jorge Brasil*)

(14) É o SBesteira sempre à frente do nosso tempo. Não aguentei ver até o final não, mas vale a experiência. Começa logo depois da Fazenda, às 22h somente segundas e quintas. **Vê lá** e depois me conta se não é um primôr. (*Sequência expositiva, revista Contigo, Blog*)

Na sequência expositiva do fragmento (13), observamos que o blogueiro informa que Hugh está no Brasil. Tal informação é verdadeira, já que o objetivo do blogue é justamente manter o leitor a par das novidades entre as celebridades. Nesse contexto informativo/explicativo, a tendência é interpretarmos referencialmente os sentidos articulados. O *frame* é mais espacial e localizamos elementos que o ancoram como: *Brasil, em cima, aeroporto*. Na sentença *você vê lá em cima*, o verbo *ver* veicula sentido original, na medida em que o autor apresenta o local onde se pode ver a foto do ator.

Todos esses elementos nos permitem afirmar que *vê lá* é mais original, apesar de podermos observar que o locativo *lá* conta com o constituinte *em cima* para articular a expressão de lugar. Essa observação reforça a interpretação dos pronomes adverbiais locativos como reforço situativo-comunicativo (Paiva, 2003), porque assumem papel secundário na referenciação de lugar, sendo cumprida junto ao SPrep. Acreditamos que esse tipo de contexto e configuração seja favorecedor das mudanças em análise.

Em (14), a sequência também é expositiva. Observamos a mesma tendência de (13), em que a blogueira objetiva manter os leitores informados. A maneira como apresenta a informação é típica desse gênero textual, que visa manter o tom intimista e fidelizar o público do blogue. Os elementos são tomados em seu sentido referencial e o trecho apresenta dados que localizam um evento – o novo programa do canal televisivo SBT – no tempo – segundas e quintas às 22h. O verbo *ver* em *Não aguentei ver até o final não* também reflete sentido mais primário, ao indicar percepção através da visão, e reforça o sentido original de *vê* em *Vê lá e depois me conta (...)*.

O locativo *lá* cumpre funções mais textuais, uma vez que traz consigo toda a informação da porção anterior para fazer a articulação do trecho. A posição de *vê lá* no início do período pode ser entendida como prototípica, tendo em vista que o verbo no imperativo a

habilita. A elipse do sujeito, a nosso ver, é admitida pela característica do gênero textual *blogue*, como, por exemplo, o tom de conversa íntima, tal como conselho de amigo. Como em (13), entendemos que esse tipo de apresentação de *vê lá* em (14) pode ser visto como ponto de partida da mudança em estudo. Portanto, nesses dois exemplos, não consideramos alterações nos parâmetros de forma ou sentido.

A seguir, mais dois exemplos são apresentados:

(15) Ah, sim: minha mãe também acha que haverá um grande atentado como resposta à morte de Osama Bin Laden e encerrou assim:- **Vê lá** o que você vai escrever aí porque você sempre foi meio bocudo, hein... Não precisa falar o que acha disso também. Mãe é mãe, né?, quando tira um sarrinho e quando tenta proteger... (*Sequência argumentativa, revista Veja, Blog do Reinaldo Azevedo*)

(16) Não estou nem aí. Se eles têm bons argumentos, que usem, então, os bons, não os maus. Olhem aqui: não temo correntes organizadas nem pelos estafetas dos poderosos pagos pra isso. **Vê lá** se vou me assustar com atores que não sabem fazer conta. Todos vocês têm o sacrossanto direito de dizer o que lhes der na telha. Eu só não entendi por que eu não teria. (*Sequência argumentativa, revista Veja, blogue*)

Nos fragmentos (15) e (16), observamos sentidos distintos dos anteriores e funções mais discursivas em *vê lá*. Em ambos, o contexto argumentativo, mais uma vez, fomenta leituras mais abstratas, devido ao conteúdo elaborado das sentenças e a estratégias mais criativas e subjetivas do autor, na busca de impactar seu leitor e conquistá-lo. Quanto mais inovador, articulado e convincente for o texto, mais provável que o leitor compactue com o autor. Desse modo, tais sequências tipológicas tendem a ser o “*locus*” da mudança.

Em (15), Reinaldo Azevedo utiliza a fala de sua mãe como subsídio para justificar o seu jeito de ser, o fato de ele ser *bocudo* nos garante a interpretação de que ele não esconde nada e conta tudo para o leitor. Nesse sentido, ao trazer o comentário de sua própria mãe, podemos não só interpretar essa estratégia como inerente ao gênero *blogue*, no que se refere ao tom intimista que pretende veicular, mas também como forma de o autor demonstrar o quanto suas informações são reais e seguras. Afinal, Azevedo não iria fazer alusão à mãe, caso as informações fossem inexatas.

No fragmento (16), todo o texto é pontuado por palavras descontraídas de caráter mais comum na fala, remetendo-nos a uma conversa informal entre pessoas que se conhecem com mais intimidade, característica do gênero textual. Como a sequência toda tem teor de aviso aos opositores, uma vez que o autor enfrenta as críticas e, com base nelas, elabora seu texto, a intenção é articular opinião e atitude de defesa, trazendo a “audiência” para si.

A porção textual que *vê lá* encabeça traz o sentido de censura e repreensão às *correntes organizadas*. O autor os adverte, em seguida afirma que todos têm direito de dizer o que querem e, por final, alega que por isso ele também o tem e, então, não entende o porquê de ser censurado.

Tanto em (15) como em (16), os textos são muito subjetivos e a criatividade está a serviço da persuasão, provocando deslizamentos de sentido através do enfraquecimento dos sentidos originais, em prol de reelaborações pragmaticamente motivadas.

Em ambos os fragmentos, *vê lá* atua como um marcador de repreensão. No primeiro, a mãe de Reinaldo o adverte, porém deixa a cargo dele a decisão de como proceder. E no

segundo, o autor previne os adversários de que não se assusta com eles. Como no anterior, a repreensão vem seguida de delegação. Ou seja, após chamar a atenção do interlocutor, deixa a seu cargo como terá de lidar com a situação.

Acreditamos que essa estratégia passa pelo viés de imprecisão do locativo *lá*. Nesse sentido, diferentemente de *escuta aqui* em (7), cujo sentido de *aqui* traz para a microconstrução maior pontualidade, *vê lá* traduz menor pontualidade. Essa nuance de sentido distinta é motivada e se especializa em contextos distintos. Dessa forma, apesar de terem funções semelhantes e serem agrupadas em uma mesma mesoconstrução, mantêm suas particularidades e, então, se convencionalizam em contextos específicos.

Em *vê lá*, a convencionalização da microconstrução em torno da forma verbal *vê* no imperativo mantém resquício da aceção de origem desse modo verbal, na medida em que pede a resposta não-verbal do interlocutor. Entendemos que outra motivação para a seleção dessa forma verbal seja induzir o interlocutor à percepção de objetivo discursivo. Essa ampliação de sentido reflete desbotamento de valor lexical em prol de ganho pragmático-discursivo.

No que se refere aos parâmetros de forma e sentido, temos que, atuando como marcador discursivo, *vê lá* pode se colocar em posição sintática não prototípica. Assim, a forma verbal *vê* perde as propriedades sintáticas de verbo, não selecionando argumento e não fazendo parte de predicação, o locativo, apesar de estar na ordem canônica pós-verbal, não exerce função circunstancial, a microconstrução vem após uma pausa, na maioria das ocorrências, marcada por ponto final. A expressão está cristalizada na 2^a. pessoa do discurso do imperativo e, apesar de não existir redução de material morfofonético ou contrações, o locativo encontra-se praticamente incorporado à forma verbal.

Além das mudanças de sentido já apontadas, entendemos que as sequências argumentativas, através da inferência de repreensão, desencadeiam reinterpretações contextuais que permitem leitura metafórica. O *frame* não espacial sinaliza como tal inferência se configura no texto, na medida em que não apresenta elementos que ancorem leitura espacial.

Dessa forma, há expansão *host-class*, sintática e semântico-pragmática em razão de os novos usos gerarem: i) aumento na série de colocações, com aumento na frequência *type*, ou seja, na produtividade desse padrão de uso; ii) atuação em contextos mais amplos, por exemplo, a partir dos mais prototípicos aos de marcadores discursivos e iii) desenvolvimento de novas polissemias em contextos pragmáticos ou semânticos, em que as expressões contribuem para a força argumentativa de todo o trecho.

A partir dos exemplos, podemos perceber a atuação dos princípios de Hopper (1991), visto que detectamos novas formas no uso linguístico coexistindo com formas antigas. As formas antigas não desaparecem imediatamente e, em consequência, interagem com as emergentes. Os novos usos mantêm vestígios de seu significado original. A mudança categorial promove neutralização das marcas morfológicas, desloca as expressões de categorias sintáticas plenas e exhibe características discursivas.

Considerações e rumos da pesquisa

A análise atenta aos dados de nosso *corpus* permite postular, entre outros aspectos, trajetória de mudança semântica das duas microconstruções aqui investigadas – *esta aí* e *vê lá*.

Além disso, evidenciamos em ambas a propriedade de chamar a atenção do interlocutor, que desloca sua referência do contexto situacional para o âmbito do falante.

Essa atuação faz ressaltar a função articuladora interacional e textual das expressões sob análise, já que migram de usos mais prototípicos até empregos com maior grau de subjetividade, deslocando o foco da atenção do leitor/interlocutor do espaço para o texto, contribuindo simultaneamente na sequencialidade do ato comunicativo.

Após realizarmos levantamento das funções discursivas assumidas pelas referidas microconstruções no contexto de uso, observamos que, de modo geral, das duas expressões, aparentemente, a mais distante de seu estatuto verbal e circunstancial, portanto, mais avançado no movimento de mudança categorial, é *taí*. Por outro lado, *vê lá*, por ser constituída de um verbo de percepção, que é muito recrutado para funções discursivas, também dá indícios da mudança em curso.

Acreditamos que a tipologia em estudo pode contribuir para os estudos funcionalistas que têm por princípio o exame da língua em seus contextos efetivos de uso. Entretanto, novas pesquisas são necessárias, incluindo dados históricos, a fim de verificar a trajetória de gramaticalização e a hipótese de uma família de construções formadas pelo esquema construcional ou macroconstrução, nos termos de Traugott (2008). Atualmente, trabalhamos com a testagem de novas hipóteses de gramaticalização dessas construções, que poderão indicar rotas da mudança linguística dessas expressões.

ABSTRACT: We present a functional typology of discourse markers formed from the VerboLocativo construcional scheme. We combine approaches of construction grammar and grammaticalization for identification of levels of schematicity that expressions and the semantic-pragmatic reasons to language change in progress. We seek data analysis in electronic *corpora*, using the model of construction of Croft (2001) and the systemizing postulated by Traugott (2008) to account for the multidimensionality of the phenomenon. Partial results shows the relevance of the items in the formation of form-meaning pair and the distribution by verbal types suggests specific usage patterns.

Keywords: construction; discourse marker; language change

Referências Bibliográficas

CROFT, W. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

FILLMORE, C. J.; AKTINS, B. T. Toward a Frame-Based Lexicon: Semantics of Risk and its Neighbors. In: LEHRER, A.; KITTAY, E.E. (Eds.). *Frames, Fields, and Contrasts: New Essays in Semantic and Lexical organization*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1992. p. 75-102

HIMMELMANN, N.P. Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal?, In: Bisang, W., Himmelmann, N.P. and Wiemer, B. (Eds.), *What makes grammaticalization – a look from fringes and its componentes*, 2044. p.19-40.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Orgs.) *Approaches to grammaticalization*. v. I. Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p.17-35

PAIVA, M.C. Proformas adverbiais e encadeamento dêitico. IN: RONCARATI, C. e ABRAÇADO, J. (org). *Português brasileiro – contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 132-143

TRAUGOTT, E. C. Constructions in grammaticalization. In: Brian D. Joseph and Richard D. Janda (Eds.) *A Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p.624-647.

_____. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER G.; VEENSTRA, T. (Eds.). *Variation, Selection, Development--Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250.

_____. *Toward a coherent account of grammatical constructionalization*, Slightly revised version of powerpoint presentation at Societas Linguistica Europea (SLE) 44, Spain, September 8th-11th, 2011.

_____. & DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TROUSDALE, Graeme. Constructions in grammaticalization and lexicalization: Evidence from the history of a composite predicate construction in English. In: Trousdale and Gisborne, eds., *Constructional Approaches to English Grammar*., Berlin: Mouton de Gruyter, 2008. p.33-67.

Data de envio: 27/04/2012

Data de aprovação: 07/12/2012

Data de publicação: 06/02/2013